

É..., ou poderá ter sido?

Ana Letícia Espolador Leitão

Diêgo Lopes Corrêa

É.

A gente quer viver uma nação!

É...

Música de Gonzaguinha

A gente quer valer o nosso amor,

A gente quer valer nosso suor,

A gente quer valer o nosso humor,

A gente quer do bom e do melhor,

A gente quer carinho e atenção,

A gente quer calor no coração,

A gente quer suar mas de prazer,

A gente quer é ter muita saúde,

A gente quer viver a liberdade,

A gente quer viver felicidade.

É...

A gente não tem cara de panaca,

A gente não tem jeito de babaca,

A gente não está com a bunda exposta

na janela

Pra passar a mão nela.

É...

A gente quer viver pleno direito,

A gente quer viver todo respeito,

A gente quer viver uma nação,

A gente quer é ser um cidadão,

Comentário¹³

A presente música foi composta por Luiz Gonzaga Júnior, conhecido como Gonzaguinha. Ela aborda, claramente, o anseio da maioria da população (o povo) em ter acesso tanto aos direitos constitucionais quanto aos da vida. Infelizmente, mais de uma década depois, esta música continua atual, pois, mesmo com a Constituição de 1988, com a esquerda no poder e com outras mudanças significativas em prol da democracia (poder do povo), não houve ainda a conquista plena desses direitos e desse poder.

“É...”: prova disso pode ser comprovada através das políticas realizadas pelos últimos governos de eleição direta – conquista democrática –, proporcionando a continuação da plutocracia (poder dos ricos). Isso tem provocado uma concentração de renda cada vez maior nas mãos de uma minoria capitalista, a qual consegue não apenas deter grande parte do capital, mas também ampliá-lo.

“A gente quer valer o nosso amor, a gente quer valer nosso suor, a gente quer valer o nosso humor, a

¹³ O texto respeita o acordo ortográfico vigente no ano de 2003.

gente quer do bom e do melhor, a gente quer carinho e atenção, a gente quer calor no coração, a gente quer suar mas de prazer, a gente quer é ter muita saúde, a gente quer viver a liberdade, a gente quer viver felicidade”: ou seja, a maioria da população também tem o direito de viver seus sentimentos humanos, trabalhar dentro de seus limites físicos e psicológicos. Ela também tem o direito ao humor de qualidade e ao lazer. Os trabalhadores deveriam poder ter acesso às mercadorias que produzem, isto é, não somente aos bens essenciais à sua sobrevivência. A população merece ter à sua disposição serviços básicos de saúde pública e de medicamentos. O povo também deveria ter direito à liberdade (de fato), de fazer o que gostaria de fazer, de ir para onde quisesse ir...

“A gente quer é ter muita saúde”: isso significa não apenas ser saudável, mas também ter direito a um atendimento médico estruturado na rede pública de saúde, o qual piorou com intensidade nos três governos anteriores.

“A gente quer viver a liberdade”: não apenas ir e vir, nem somente não ser torturado fisicamente pelos detentores do poder, como ocorreu na Ditadura Militar. Também se quer ter liberdade para se comer o que, onde e quando quiser; liberdade de escolha política, sem ser coagido ou comprado com lotes; liberdade de ser digno cidadão de uma nação, sem submissão ao imperialismo etc.

“É... A gente não tem cara de panaca, a gente não tem jeito de babaca, a gente não está com a bunda exposta na janela pra passar a mão nela”: isso todos nós entendemos claramente.

“A gente quer viver pleno direito”: a Constituição brasileira declara que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”. Contudo, os que exercem o direito, que prescreve a lei, são os que possuem alguma instrução e poder, pois o povo não possui propriedade privada nem a oportunidade real de alcançar uma educação de qualidade, oferecida gratuitamente desde o ensino fundamental. Assim, fica difícil ao povo ocupar o espaço reservado à classe alta e aos extintos pertencentes à classe média.

“A gente quer viver todo respeito”: para exercer nossa cidadania (*“A gente quer é ser um cidadão*”), para a gente poder criar e viver em uma nação. **“A GENTE QUER VIVER UMA NAÇÃO!”**. E isso somente é possível com a conscientização da população. Entretanto, essa população sofre com restrições devido à falta de dinheiro para adquirir bens e serviços essenciais à sua sobrevivência cidadã, ou seja, viver com dignidade e com acesso às condições básicas.

“É”. Parece que a desigualdade social no Brasil não durou “apenas” quinhentos anos, muito menos a crescente concentração de poder nas mãos de poucos. A gente convive em um cenário que não demonstra expectativas imediatas para o crescimento econômico sustentável; que não proporciona harmonia entre as classes sociais, principalmente entre a maioria do povo brasileiro.

Desde que chegaram os europeus ao Brasil, a

dominação de uma pequena classe hegemônica sobre grande parcela da população chegou ao “Novo Mundo”. Em vez de consertarem o antagonismo já vivido em seu continente, exterminaram as comunidades aqui existentes e intensificaram as práticas desumanas de comércio (tráfico) de pessoas utilizadas como mão-de-obra escrava.

E, como já se sabe, até hoje é apontado um preconceito racial, cultural e social em busca de um culpado para a situação econômica calamitosa do Brasil perante os países desenvolvidos. Também se elogia o governo militar (no qual a repressão e o prejuízo aos trabalhadores existiram intensamente). Sempre se busca uma explicação para justificar a presente subordinação brasileira.

Entretanto, o que falta é uma reforma de base plena, que proporcione a redução da exclusão sócio-econômica da maioria da população e que se invista na ciência e na tecnologia nacional, reduzindo significativamente nossa dependência internacional e a intensificação da exploração da força-de-trabalho, principalmente a infantil.

A maioria dos atuais países desenvolvidos passou pelas reformas de base¹⁴, as quais proporcionaram uma redistribuição de renda,

condições para a produção tecnológica, fortalecimento do mercado interno, entre outros benefícios tão importantes quanto esses. A partir disso, quem sabe se é possível mudar a situação em que o país encontra-se? Através dessas reformas de base, condições favoráveis poderão ser geradas para o tal sonhado retorno ao crescimento.

Caso isso ocorra, esta canção de Gonzaguinha, felizmente, será apenas uma remota lembrança do povo brasileiro. Quem sabe, de toda a classe trabalhadora...

¹⁴ Reformas de base compreendem uma reestruturação sócio-econômica, garantindo à maioria da população a inserção social, uma vez que a história pode ter alijado essa maioria do acesso aos direitos de estudar, de ter uma moradia... Consideram-se como reformas de base: a reforma agrária, a reforma da educação, entre outras. Na história do Brasil (em 1964), surgiu um movimento popular que reivindicava por essas reformas. O Golpe Militar de 1964 evitou que se efetivassem essas reformas.